

SAUDAÇÃO A LINHARES FILHO (*)

Moreira Campos

A par dos vossos dotes intelectuais e artísticos, representais aqui uma continuação, uma linhagem. É que a esta Casa de tão efetivas tradições pertenceram os vossos tios Joel e Josaphat Linhares. Sucedeis ao último deles, de tal modo se faz pródigo em caprichos o destino. A ocorrência da vaga estava a indicar que seríeis o candidato natural, por sucessão legítima, mercê dos vossos méritos. Tanto que, de pronto, recebestes o apoio do amigo e admirador que ora vos fala e dos académicos, companheiros de magistério e pastores do mesmo sonho, que são Artur Eduardo Benevides e Otacílio Colares, com a chancela imediata e prestigiosa do nosso ilustre e dinâmico Presidente Cláudio Martins, cujo desempenho merece os melhores encômios. Mas, em verdade e afinal, o vosso triunfo resultou da compreensão de quantos fazem este Sodalício.

Em 1930, ao lado de tantos outros nomes expressivos de nossas letras, alguns entusiasticamente renovadores pela força da idade, como Jäder de Carvalho e Válder Pompeu, participaram Joel e Josaphat Linhares da reestruturação desta Academia, o que, de resto, já atestava o interesse permanente de ambos os vossos tios pelos valores perenes do espírito.

A vós caberá certamente a tarefa de traçar o perfil e a atuação de Josaphat Linhares, como de praxe. Valho-me, entretanto, do ensejo que se me apresenta para registrar neste instante o preito de minha saudade, admiração e reconhecimento ao meu Mestre e Amigo Joel de Lima Linhares. Adolescente, ainda por concluir o curso secundário iniciado no Liceu, servi por vários anos sob a sua direção na Secretaria do Interior e da Justiça. Com ele aprendi muito, desde aquela postura de humanista lúcido diante da vida (ele detestava as atitudes e as palavras inúteis), capaz de garantir ao homem a captação de essencialidades, ao trato digno do vernáculo, de que era um vigilante, mais como filólogo e estilista do que como gramático caturra. Um dos melhores professores de português dos nossos educandários, catedrático de Filologia Românica, por isso mesmo, seguro conhecedor do latim e do francês, poeta também o foi, e orador de recursos.

(*) Discurso de saudação ao novo Acadêmico, proferido em 23 de julho de 1980.

A ele, o meu respeito e a minha gratidão.

A vossa herança, Acadêmico Linhares Filho, vem de longe. Vossa genitora, Maria da Conceição Esteves Linhares, foi mulher de reais dotes. Conhecida professora de pintura, à sua época, com aplaudidas exposições. Entre as suas alunas incluía-se Zezé, minha mulher, que sempre lhe enalteceu as virtudes morais e artísticas.

É precisamente a essa mãe privilegiada que dedicastes um dos vossos mais belos poemas, pela essência e pelo valor dos símbolos, trabalho inserto no livro *Sumos do Tempo*, sob o título "A Minha Mãe, Habitante da Morte", cuja leitura me permito, pelo menos em alguns trechos:

Tua branca rede já não se arma
para a sesta. Todavia guardo,
com o ranger longínquo dos armadores,
a placidez do teu sono
a entreter o meu sonho.

Teus pincéis dormem
com a resignação de pincéis.
Minha alma imperfeita, a despeito de teres sido
artista perfeita, pede, todo dia,
os últimos retoques.
Santa e elmo,
no navio em que eu encontrar borrasca,
os teus olhos serão santelmo. . .
No silêncio noturno não se ouvem mais
os passos cautelosos com que fechavas
a janela que dá para a rua,
no entanto percebo,
na lâ escura da noite,
o abrigo do teu xale.

Alcançastes pela elegia particular o universal, que é a grande lição da arte: é que aí estão eternizadas todas as grandes mães.

Vosso pai, o farmacêutico José Linhares (como recordei, nas Lavras da Mangabeira, a Farmácia Linhares, vizinha à minha casa!), foi daqueles farmacêuticos-médicos, como sempre os defini, pela cultura e assistência às populações ainda hoje carentes. Realizavam eles (ou ainda realizam?), com saber e devotamento, o milagre do diagnóstico e da preparação das drogas: mágicos diante de retortas e almofarizes.

Revejo-o de passagem pela minha calçada, muito magro, a roupa branca colada ao corpo, os suspensórios, o passo sereno, talvez certo ar de indagação

advindo da rebelde surdez, deficiência que vós mesmos evocais em "Elegia para Meu Pai", como o fizestes depois no poema "Antessupremo Canto ou Prematuro Testamento".

Dizeis:

Tua surdez matutando
na cadeira, entre jornais,
urdindo em silêncios longos
o cálculo e a solidão.

Acadêmico Linhares Filho: O Destino, esse surpreendente ficcionista, enredou curiosamente os nossos caminhos. Vivi parte de minha infância e adolescência em Lavras da Mangabeira. Dali saí com os meus pais para Fortaleza em 1930. Nove anos depois ali nascéis. Não obstante o tempo, que, no caso, será pouco, guardamos, por assim dizer e por natural sensibilidade, já enunciadora desse amor à literatura, as mesmas vivências e experiências. Dorme em nós, como força lúdica, rudes sagas de coragem, bravura e vinditas, nós dois tão pouco belicosos. Muitas estórias ouvimos de cangaço, jagunços (não fosse Lavras a porta para o Cariri) e ameaças de cerco, que então erigiam a torre da igreja em bastião para a defesa do feudo. Habitam-nos as umbrosas margens do Salgado, quando dos grandes invernos, e os seus canoeiros. Conosco ficaram os poços para o banho, que restaram no verão. Mais distante, o mistério do Boqueirão, com o seu precipício e veios de ouro.

No mais, um lugar pavoroso como outro qualquer do interior, dorme na tarde: o mormaço, os redemoinhos, as suas casas de beirais e "jacarés" para o banho de chuva, os seus viventes anônimos, os animais que pastavam na praça principal, carneiros que ruminavam à sombra da matriz, o jogo de gamão na calçada, a feira aos sábados, a notícia do crime, a cadeia necessária, a estação, o trem, a novidade do jornal comprado por um cruzado (já caro), as retretas na avenidinha, as procissões, as novenas, as meninas em flor e o tanger dos sinos.

Ó sino da minha aldeia,
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Soa dentro da minha alma.

Disse-o Fernando Pessoa.

Decerto que outros mundos vimos depois bem mais estuantes e abertos.
De qualquer modo, ainda cabe repetir o grande poeta português:

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre para minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

Todo esse mundo, vós o reconstruístes particularmente em "Poema do

Rio" e na generosa "Ode ao Contista Moreira Campos", em que me convidais para um retorno às origens:

Às margens do Salgado espera uma canoa,
a água está serena, a infância rediviva,
redescoberto o mundo antigo.

As mesmas pedras sobre pedras,
a terra é boa e se limpou do sangue:
dilúvio não caiu, não houve destruição.
(Esta terra é em tudo vale válido;
querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo.)
Cultivemo-la em sonho. Frutos brotarão.

Passaram-se os anos. Nós nos encontramos, ou melhor, nos reencontramos, vós como aluno do Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará, eu como professor apenas pela diferença de idade, porque logo pressenti em vós o futuro mestre, o estudioso, o compromissado por destinação com os valores eternos da literatura e do humanismo.

Estava certo o prognóstico. Prova-o a brilhante carreira que vindes fazendo no magistério superior, no mesmo curso onde ainda leciono. Conquistastes essa posição pela porta larga de sucessivos concursos em que sempre obtivestes as melhores classificações. Já agora possuíis o título de mestre, conseguido, após dois anos de estudos no Rio de Janeiro, com defesa de tese de alto sentido e originalidade: **A "Outra Coisa" na Poesia de Fernando Pessoa**. Dentro em breve concluireis a etapa última: o vosso doutorado.

Nessa ordem de valores, fostes ainda um dos integrantes do chamado Grupo SIN, fruto da nova geração e que bem poderia ter sido o movimento literário capaz de substituir e continuar a obra marcante de CLÁ, o que talvez seja feito, já agora, pelos moços que compõem o Grupo SIRIARÁ.

Por coincidência ainda, Acadêmico Linhares Filho, ministramos nós ambos a mesma disciplina (Literatura Portuguesa) e sou eu que, neste momento, tenho a honra de aqui receber-vos.

Disse-vos que era legítima a vossa herança; por consequência, pesados os vossos encargos no instante em que ingressais nesta Casa, que sempre acolheu o que a inteligência do Ceará tem dado de mais significativo no plano das letras.

Mas já em parte ponderável saldais esse compromisso graças à obra literária de apurado nível que tendes produzido, tanto no território da poesia como no campo do ensaio e da crítica.

Sem comentário especial à vossa colaboração em revistas literárias e jornais, e trabalhos outros como *Sinantologia*; "Linguagem e Filosofia de Machado de Assis"; "Dimensões Literárias de Graciliano Ramos e José Lins"; "Eça de Queirós, Contista"; "O Anjo, de Branquinho da Fonseca, numa Perspecti-

va Fantástica"; "A Obra Aberta de Camilo Pessanha" e este inédito "Frutos da Noite de Trégua", todos de incontestável valia, já quatro livros de maior fôlego publicastes (um deles a vossa tese mimeografada): dois de poesias (**Sumos do Tempo** e **Voz das Coisas**) e dois de ensaio (**A Metáfora do Mar no Dom Casmurro** e **A "Outra Coisa" na Poesia de Fernando Pessoa**), títulos que estão a atestar, de logo, o vosso bom gosto e modernidade.

Sumos do Tempo traz o prefácio lúcido do meu inesquecível amigo e agudo crítico Braga Montenegro. Com a sua honestidade, que não poupava sequer os amigos, desde que se tratasse de literatura, conclui ele: "Há neste breve livro meia dúzia de poemas, meia dúzia não mais em que o poeta derrama (ou sugere apenas) toda a sua angústia existencial, o seu desencanto e, ao mesmo tempo, sua afirmação nas misteriosas realidades da poesia e do ser".

Não esquecer, digo eu, que é exatamente em **Sumos do Tempo** que se contém a obra-prima já por mim assinalada: "A Minha Mãe, Habitante da Morte". Livro de estréia, sem dúvida, o que não lhe empana os valores. Mas a vossa verdadeira dimensão poética, pela profundidade dos temas propostos, pelas indagações metafísicas, pelos símbolos a que recorreis, pela problemática existencial do homem neste mundo de dores, desencontros e perplexidades, está em **Voz das Coisas**: ouvi-la é como que descobrir o mistério da vida, aquém e além do cotidiano. Nunca esquecer a lição de Par Lagerkvist, em **O Anão**: "Um homem que se perde no exame de uma pequena pedra é porque tem muitas riquezas na alma".

Como ensaísta ou crítico, enfrentais os desafios, os temas novos, ainda não suscitados. Tal se dá em **A Metáfora do Mar no Dom Casmurro** (que tive a honra de apresentar quando do seu lançamento) e em **A "Outra Coisa" na Poesia de Fernando Pessoa**.

No primeiro (**A Metáfora do Mar no Dom Casmurro**), propusestes a ocorrência, do ponto de vista do sexo ou dos sentidos, particularmente, da latência intencional nos símbolos a que recorre Machado de Assis. A ressaca do mar, por exemplo, em ímpetos e recuos envolventes e abissais, seriam os próprios olhos de ressaca de Capitu.

De mim, coloco-me em ponto diverso: entendo que a latência poderá existir, mas não intencionalmente, senão como mistério do próprio mundo subconsciente, que enreda coisas e traz surpresas. Mas já o destaquei: é precisamente na polémica que está um dos valores do livro. De outra parte, eu me valeria, no caso, das palavras de Antônio Mora, mais um dos heterônimos de Fernando Pessoa, por vós mesmo citado: "O que é preciso é compenetrarmos de que, na leitura de todos os livros, devemos seguir o autor e não querer que ele nos siga".

Para nós, vossos colegas do Curso de Letras, sois hoje um dos melhores intérpretes da poesia complexa, antitética, dialética ou conceptista de Fernando Pessoa.

Autor difícil, a começar pela estranheza dos seus heterônimos, em que ele sentiu a necessidade de multiplicar-se, incluído o ortônimo, para, pela verdade parcial de cada um (ora eles se repelem ou se completam), alcançar a verdade absoluta, que outra não é senão a "Outra Coisa" (com maiúsculas) de vossa tese. É o próprio Fernando Pessoa quem o confessa:

Multipliquei-me, para me sentir.

Para me sentir, precisei sentir tudo,

Transbordei-me, não fiz senão extravasar-me.

Entre as antíteses, os paradoxos, estaria a verdade, por assim dizer, imponderável, porque confundível com o Todo. São palavras vossas: "A 'Outra Coisa' representa no geral da obra ortônima e heterônima de Fernando Pessoa a meta da eterna busca do desconhecido, pois o que conclui tal obra é que 'O saber é a inconsciência de ignorar. . .', busca essa, aliás, que é ponte para a consecução do Ser".

Digo eu: Inquietante Fernando Pessoa, que ora se nos mostra cristalino, transparente, como em "Ó mar salgado, quanto do teu sal/São lágrimas de Portugal!", para depois propor-nos as mais graves, complicadas, obscuras, irritantes e profundas indagações. É a esse poeta alto e complexo, representante de todo um universo e momento que se convencionou chamar de pessoano, como houve o momento camoniano, que vos propusestes surpreender na sua toca de bruxo, no seu refúgio ou na força do seu mistério.

Uma outra qualidade possuí, Acadêmico Linhares Filho, que muito aprecio: a timidez. Vós mesmo o confessais nos vossos versos:

e revelo a timidez

do menino sertanejo

que tenho dentro de mim.

Porque a timidez, ilustre Acadêmico, parece ser, em princípio, reveladora de autocrítica e bom senso, sobre repelir o brilho fácil ou o improvisado.

Bem mereceis a Cadeira que acabais de ocupar. Cabe-vos engrandecê-la ainda mais, pela legitimidade de vossa inteligência e arte, para honra vossa e desta Casa.